

POSITIVO

Apresenta





A mão que ensina
é a mesma mão
que aplaude.

Há 25 anos o Positivo desperta, incentiva e promove o talento e a arte em todo o Brasil.



POSITIVO



Apresentação

Terceiro sinal e mais uma vez os deuses do teatro serão louvados e reverenciados... e como! Começa pela sexta vez o Festival de Teatro de Curitiba pretendendo reunir o que de melhor se vem fazendo nos palcos do País. Atores, diretores, técnicos e produtores de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná vão habitar nove palcos e encantar a cidade com sua magia por onze dias.

As ruas não foram esquecidas nesta sexta edição. Cuidado! Não Tropece! Aí vem uma Família!... Isto mesmo, dentro daquela caixa de vidro, na Praça Santos Andrade uma trupe de atores curitibanos vive o cotidiano familiar à vista de todos... Em outros locais da cidade você pode topor com alguém mostrando a sua arte do fazer teatral, de representar. Relaxe!

A cidade toda é uma armadilha de emoções preparadas por atores, diretores e técnicos. Não resista, entregue-se ao riso, ao choro para amar, odiar... e viva esta emoção, por que igual, nunca mais, talvez melhor o ano que vem.

FTC Entretenimento.



Um Molière Imaginário

O cenário da peça se concentra num "palco-carroça" em torno do qual o espetáculo se desenvolve e retoma o espírito mambembe do autor, Molière. A peça pretende reviver a história do próprio Molière. Em 1673 ele subiu ao palco para representar o "Doente Imaginário" pela quarta vez. Sofreu um ataque no final da peça e morreu. Por ser um comediante, foi enterrado numa vala comum, junto às crianças pagãs. Para homenageá-lo, o Grupo Galpão desenvolve a peça num clima onírico no qual Molière revive nos sonhos de Argan, o protagonista.

A versão do grupo mineiro, "Um Molière Imaginário" começa com o cortejo fúnebre e enterro de Molière, sob a luz de tochas. Ao final deste, a Rainha Mab convida o público a sonhar e faz o defunto renascer, remontar sua peça e refazer sua morte em clima de carnaval e festa. Durante o espetáculo, o texto de Molière é interrompido por cinco visões de Argan nos quais o dramaturgo francês aparece e explica ao público sua história e as razões que o levaram a criar suas comédias.

Óperas, boleros, músicas próprias das peças de Molière, além de composições criadas especialmente para essa montagem, combinam-se para transportar a platéia na história e no sonho, no tempo e no espaço.

Na cena final Molière morre numa tourada e é enterrado em clima de festa. Simultaneamente renasce embaixo do palco, sob luzes e fumaças coloridas. Tomando a palavra, a Rainha Mab, personagem criada especialmente para esta peça, convida o público a immortalizar Molière e a aprender a sonhar e renascer através do teatro. A companhia faz suas malas e o palco se transforma num grande navio a afastar-se lentamente do público.

ÓPERA DE ARAME

13 de março às 21h30 e 14 de março às 20 horas

FICHA TÉCNICA

Texto: Molière • Direção: Eduardo Moreira • Elenco: Antonio Edson, Arildo Barros, Beto Franco, Chico Pe-
lúcio, Fernanda Vianna, Ines Peixoto, Julio Cesar Maciel, Paulo André, Rodolfo Vaz, Simone Ordones, Teuda
Bara • Produção: Regiane Miciano • Cenários: Paulo Pessoa • Figurinos: Wanda Sgarbi e Maria Castilho.



Para Sempre

Comédia protagonizada por Paulo Autran, "Para Sempre" é um mergulho dentro da alma humana, retratando com seriedade e compaixão um triângulo amoroso, um drama passionnal de alto nível. Maria Adelaide Amaral é reconhecidamente a maior e mais premiada autora moderna do teatro brasileiro, com uma grande capacidade de penetrar no íntimo da alma humana, revelando-nos seus meandros com grande intensidade passionnal.

TEATRO DA REITORIA

18 de março às 21h30

FICHA TÉCNICA

Texto: Maria Adelaide Amaral • Direção: Vivien Burkup • Elenco: Paulo Autran, Karin Rodrigues, Celso Frateschi



Do Fundo do Lago Escuro

*T*endo como pano de fundo a apaixonada polarização política entre o governo de Getúlio Vargas e a oposição de Carlos Lacerda, a peça "Do Fundo do Lago Escuro", de Domingos de Oliveira, faz o painel de uma típica família brasileira de classe média alta no início dos anos 50. É a família de Rodrigo, menino de 12 anos, observador sensível e referencial de todo o jogo de dilaceração, ocultação e hipocrisia do texto. Mas foi também (e de muitas formas ainda é) a família de todos nós, apesar da grande ruptura que os anos 60 significaram. Ao mesmo tempo engraçado e contundente, o texto da peça levará o espectador a se identificar com a perplexidade e a pureza de Rodrigo. Afinal, que família brasileira não conhece o que é uma matriarca controladora e autoritária como D. Mocinha, ou não viu cunhados indignados vociferando contra o genro que vendeu escondido os apartamentos da sogra? Quem não teve um tio vergonhosamente desquitado e ainda por cima meio bêbado e mulherengo cuja menção fazia sempre baixar o tom das conversas? Que criança não espreitou pelo buraco da fechadura os encontros dos empregados no quartinho dos fundos? A peça se passa num único dia e a ação se abre com uma conversa entre Rodrigo e Manuel, o jardineiro da casa. Rodrigo está procurando sua cachorrinha, cuja morte todos tentarão esconder dele até o final do texto, para que ele "não sofra". "Só vou contar a ele quando estiver quase na hora de dormir", diz sua mãe, Conceição, a Manuel. Percebemos que estamos num dia especial para esta família. Todos voltaram há pouco do cemitério onde visitaram o túmulo do avô José, falecido há quatro anos; percebemos também que qualquer emoção, desordem ou desregramento são banidos e negados naquela casa; o lanche das quatro horas, o jogo de cartas de D. Mocinha, o discurso de Lacerda às nove horas na televisão, são alguns dos dispositivos de uma engrenagem doméstica poderosa, destinada a manter a ordem a qualquer preço, a reforçar que aquela é uma família perfeita, que se há algo errado é na família "dos outros", que a escola é que não vigia como deveria, que os empregados "não prestam mesmo", que a nora é que é uma "desenxabida" que não sabe educar. Compreendendo o universo desta família que tenta eliminar a morte, o desajuste, o sofrimento e a dissonância, tão evidentes nesta peça, talvez possamos reconhecer com humor e até alguma ternura, a cara feia das forças reacionárias das elites brasileiras.

TEATRO FERNANDA MONTENEGRO

21 de março às 21h30 e 22 de março às 20 horas

FICHA TÉCNICA

Autor: Domingos de Oliveira • Diretor: Eduardo Tolentino de Araújo • Assistente de Direção: Brian Penido
• Elenco: Beatriz Segall, Clara Carvalho, Denise Weinberg, Guilherme Sant'Anna, Genésio de Barros, Daniel Machado, Zécarlo Machado, Zeca Rodrigues • Cenário: Maria Carmem • Figurinos: Lola Tolentino
• Iluminação: Guilherme Bonfanti • Sonoplastia: Otávio Machado • Preparação Corporal: Neide Alves
• Diretora de Produção: Araci Quinhões • Assistente de Produção: Valéria Meinelles



Grand Hotel Des Étrangers

*T*eatro, cinema e poesia se misturam a efeitos visuais responsáveis pela criação de um universo virtual em "Grand Hotel Des Étrangers", montagem do grupo canadense de vanguarda de Michel Lemieux e Victor Pilon. O cenário é um quarto de hotel, onde um homem, sozinho, vive um dramático estado de crise. No limite da sanidade, o solitário viajante - um escritor - interage com suas fantasias e seus fantasmas, com seus anjos e demônios, suas memórias e seus desejos. Estes "personagens" entram em cena por meio de uma combinação de diferentes tipos de efeitos visuais. Truques de ilusionismo do século passado, baseado em projetores, foram resgatados por Lemieux e Pilon e misturados com imagens de terceira dimensão criadas por computadores e complexos sistemas de vídeo. O resultado foi uma profusão de imagens, ou fantasmas, que contracenam com o personagem e abrem as portas para uma



Perpétua

Em uma ultramegalópole brasileira, na madrugada de 12 de junho de 2007, um jovem burguês interessado em cultura oriental leva girassóis para comemorar seu aniversário com uma prostituta de luxo com quem mantém relações já há algum tempo: Perpétua.

Atormentado por um sonho no qual ela o estrangula, ele fica aterrorizado com as coincidências que vão acontecendo entre a realidade daquela noite e o que sonhara. Durante o tempo em que permanecem trancados, humor e tragédia se manifestam no questionamento da relação do casal. Finalmente, quando estão prestes a sair dali, uma grande surpresa acontece.

O espetáculo é o primeiro da Trilogia do Rebento (inclui "Opus Profundum" e "Desembestai") faz referências à linguagem dos quadrinhos do "Sandman", ao filme "Da Vida das Marionetes" de Ingmar Bergman, e ao manguebeat de Chico Science.

GUAIRINHA

17 de março às 21h30 e 18 de março às 20 horas

FICHA TÉCNICA

Texto: Dionísio Neto • Direção: Leonardo Medeiros • Elenco: Renata Jesion e Dionísio Neto • Trilha sonora: Arrigo Barnabè • Figurinos: Alexandre Herchovitch • Iluminação: Fran Barros • Coreografia: Eugênio Lima



U Fabuliô

Nesse espetáculo o grupo Parlapatões cria uma ponte unindo o tempo medieval aos dias do fim do milênio. Transformaram uma série de fabliaux - contos medievais licenciosos franceses - numa única história, narrada por um vendedor ambulante de uma grande metrópole dos dias atuais. Uma estranha carroça em forma de barco alado traz os artistas para o centro de seu cenário, que é a roda de espectadores que se forma em torno deles. É ali, dentro desse círculo encantado, usando tonéis, tábuas e imaginação, que eles criam o ambiente para contar suas histórias.

O vendedor ambulante, acompanhado por loucos e dementes que tocam estranhíssimos instrumentos musicais, conta casos e acontecidos que poderiam ter-se dado tanto na França medieval quanto no sertão nordestino brasileiro. Sobre os corpos dos artistas, as chitas e os rendões do Ceará e de Pernambuco criam novos seres: servos e servas medievais em capotes de colheita e vestidos de amarras. Enfeitados numa história única, os "contos de rir" dos séculos XIII e XIV - uma tradição literária encharcada de erotismo, fantasia, graça e crueldade - revelavam as obsessões de uma época e ofereciam um meio, às vezes moralista, para delas escapar. Na analogia entre passado e presente, o moralismo desfaz-se na farsa: todos enganam todos e ninguém se dá bem.

Da incongruência e da incompatibilidade entre as épocas nascem, aos olhos do público, as figuras fantásticas que desenham aventuras num tempo improvável. Para além das diferenças entre ricos e pobres, ingênuos e espertos, padres e prostitutas, há as necessidades básicas do ser humano: comida, afeto, sonho, suor, sexo, riso e o céu que a todos abriga.

De uma traição, U Fabuliô e os Parlapatões fazem uma festa; de duas, um motivo de riso; de três, calculam por onde andam nossos dias; e das infinitas traições, eles fazem um apelo à esperança.

BOCA MALDITA - 22 de março às 11 horas

PARQUE BARIGUI - 23 de março às 16 horas

FICHA TÉCNICA

Texto e Direção: Hugo Possolo • Elenco: Alexandre Rolt, Hugo Possolo, Raul Barreto, Carla Candioto, Carmo Murano, Armando Junior • Direção Musical: Marcio Werneck • Cenários e Figurinos: Hugo Possolo • Adereços: Jesus Seda e Armando Junior • Operação de Luz: Augusto Tiburtius • Operação de som: Claudinel • Produção Executiva: Regina Toledo • Produção: Leopoldo de Leo Junior • Realização: Parlapatões, Patifes & Paspalhões



Nora - Casa de Bonecas

Nora Helmer é uma mulher sem saída. Presa a uma relação amorosa guiada pela aparência, ela vai-se enredando mais e mais numa teia onde um gesto de amor conjugal pode se tornar um crime. E ao tentar salvar o homem amado de si mesmo e de sua incompreensão, descobre que passou oito anos de sua vida com um desconhecido. Este drama da inutilidade das boas intenções foi escrito por Henrik Ibsen em 1879 e continua pulsante pela força e realismo de seu traço.

Henrik Ibsen é considerado o mais importante autor dramático do século XIX. Viveu de 1828 a 1906 e sua obra lhe valeu a alcunha de "Shakespeare Burguês". Nesta montagem de Felipe Hirsch, a obra de Ibsen se aproxima da realidade do século XX. Influenciado diretamente pela adaptação escrita pelo diretor sueco Ingmar Bergman, em 1981, a montagem rompe com a obra do mestre norueguês em tudo o que ela tem de peça de tese, desviando-se de uma visão meramente histórica. O drama então surge profundamente coeso e funciona como um relógio novo em folha. Disseca a falibilidade dos relacionamentos ao mover seus cinco personagens uns contra os outros, ou uns de encontro aos outros. Um drama de indivíduos que se bastam como instrumentos de reflexão. É isto o que se propõe ser visto. Não o drama de todas as mulheres, libreto abraçado por feministas de todo o mundo como bandeira na defesa dos direitos da mulher, mas o drama de uma só mulher, chamada Nora Helmer, presa de um mundo gelado de hipocrisia, tentando desesperadamente se desenredar.

TUCA/PUC - PR

16 de março às 21h30 e 17 de março às 20 horas

FICHA TÉCNICA

Direção: Felipe Hirsch • Texto: Casa de Bonecas, de Henrik Ibsen • Elenco: Thais Tedesco, Edson Rocha, Erica Migon, Marcio Mattana, Ênio Carvalho • Cenários e Figurinos: Ronald Teixeira • Assistência de Cenários e Figurinos: Cristine Conde • Iluminação: Felipe Hirsch



Os Reis do Iê-Iê-Iê

Frequentador assíduo do Festival de Teatro de Curitiba, Gerald Thomas traz, para esta sexta edição, a sua interpretação pessoal dos "Reis do Iê-Iê-Iê". Com o primeiro título de "Beatles", Gerald vai promover o que é, desde a morte de John Lennon, impossível: um reencontro dos quatro garotos de Liverpool.

John Lennon, na concepção de Gerald Thomas, é um esfuziante apreciador do samba. Keith Richards terá uma guitarra com um saquinho I.V (Intravenoso) embutido, que joga heroína direto na veia. Thomas, no papel de John, traça um paralelo entre sua relação com a atriz Bete Coelho (que interpreta Paul McCartney) e com quem teve um affaire que durou quatro anos, sugerindo que os dois beatles também viveram uma relação semelhante. A peça se passa nos dois minutos e meio entre o tiro que John levou e sua morte a caminho do hospital. Tudo se passa na cabeça de John Lennon.

A atriz paranaense Raquel Rizzo, que trabalhou com Gerald em 96, na montagem *Nowhere Man*, faz este ano o papel de Mick Jagger. Gerald trará um convidado especial a cada noite, para interpretar personagens ligados aos "Reis do Iê-Iê-Iê"

TUCA/PUC - PR

21 de março às 21h30 e 22 de março às 20 horas

FICHA TÉCNICA

Direção, concepção e roteiro: Gerald Thomas • Elenco: Bete Coelho, Gerald Thomas, Luiz Damasceno, Domingos Varella, Raquel Rizzo, Dionísio Neto, Gilda Barbosa da Silva, Renata Jesion.



Deadly

Deadly é um espetáculo mudo. A força da linguagem está no corpo de dois atores-performers que se comunicam com o público através da emoção e das técnicas de corda e trapézio. O espetáculo explora a relação do homem com a mulher, seus erros e acertos, prazeres, frustrações, batalhas e a inevitável cumplicidade. É contado através da temática dos sete pecados capitais, estigmas que povoam a formação cultural do mundo ocidental. O recurso do trapézio de circo é utilizado como metáfora tanto para o perigo das relações como também para a alegria dos vãos de liberdade.

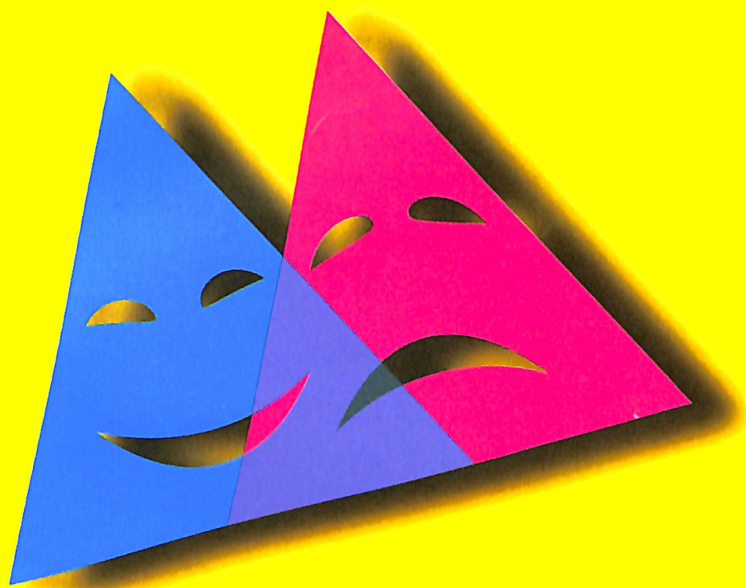
Os atores Deborah Pope (neo-zelandesa residente em Londres) e Rodrigo Matheus viajam o mundo como professores (de técnicas circenses e teatro físico) convidados do Circus Space em Londres e do Circus Oz e Flying Fruit Flies, na Austrália.

TEATRO DO PAIOL

16 de março às 21h30 e 17 de março às 20 horas

FICHA TÉCNICA

Direção: Sandro Borelli • Grupo: No Ordinary Angels • Assistente de Direção: Carla Candiotto • Elenco: Deborah Pope e Rodrigo Matheus • Iluminação: Sandro Borelli e Rodrigo Matheus • Cenário e Figurinos: No Ordinary Angels • Produção: Mirtes Mesquita



**6º festival
de teatro de
curitiba.
reserve um lugar
bem na frente
da sua tv.**

A melhor cobertura do 6º Festival de Teatro de Curitiba.

NET
CURITIBA


MULTISHOW
CANAL GLOBOSAT

6ª edição



Patrocínio

GOVERNO DO ESTADO



PREFEITURA DA CIDADE

